

1

Inúmeros intérpretes da situação europeia após a II Guerra Mundial deram voz ao diagnóstico e ao sentimento de que, depois de 1945, a Europa teria saltado fora da sua posição tradicional como centro do mundo. Desde Colombo até Hitler, reinava na Europa a convicção fundada de que esse cabo acidentado do continente euro-asiático que se estende de Lisboa a Budapeste, Praga e Varsóvia e de Palermo a Estocolmo e Dublin representava o centro de gravidade geo e ideo-político do globo terrestre. Inclusivamente, até 1945, a palavra «mundo» carregava consigo uma inconfundível tonalidade europeia, tanto em termos filosóficos como diplomáticos. Um «homem do mundo» era até há pouco um elemento da elite europeia. A cartografia europeia teve papel preponderante nos esforços característicos da idade moderna tendentes a dar aos políticos, mercadores e burgueses ilustrados das capitais do Ocidente a possibilidade de abrangerem num relance, como um todo sem segredos, o globo terrestre recentemente descoberto na sua forma verdadeira, com os seus continentes e oceanos. Podemos afirmar que nos séculos que se seguiram os fabricantes europeus de globos terrestres contribuíram com tudo o que era decisivo para possibilitar a representação da Terra; satisfizeram a necessidade de uma visão geral aérea,

quase divina, que viria a ser assumida mais tarde pelas objetivas dos satélites¹. Sem dúvida nenhuma, a paixão de apagar as manchas brancas nos mapas dos continentes longínquos constituiu uma genuína paixão europeia. A amálgama europeia de ciência e colonialismo começou por dar origem à imagem política e geográfica da Terra — como se fosse função natural do todo planetário deixar-se captar pelos interesses europeus e penetrar pelas medidas europeias. Quando ainda hoje o papa lança a sua bênção pascal *urbi et orbi*, exprime de forma clássica e ingénua a visão do mundo do ponto de vista imperial romano e *eo ipso* europeu: o mundo mais não é do que o horizonte natural das mais extremas ambições europeias. Colombo não regressara da sua primeira viagem há mais de três dias, quando, na sua bula *Inter cetera* de 4 de Maio de 1493, já o papa Alexandre VI concedia aos espanhóis e portugueses o direito de soberania sobre os novos mundos descobertos a ocidente. Passado um ano sobre o regresso do descobridor, já os dois parceiros ibéricos partilhavam entre si o novo bolo mundial através do Tratado de Tordesilhas, e também isso — pelo menos *a posteriori* — com a imprescindível bênção romana. No tempo de Carlos V, as fragatas espanholas cruzavam os mares sob a divisa imperial: *Plus Ultra*, o mais marcante mote europeu da Idade Moderna. Desde aí, é Europeu quem de alguma maneira participa neste mais além. É a principal fórmula motriz da Idade Moderna. Simultaneamente, é o lema da convicção superimperialista de que o descobridor é necessariamente o senhor dos descobertos. Nada é tão europeu como a crença de que ao descobridor correspondem os direitos do inventor ou do criador. Assim, a curiosidade passa a ser potência mundial; os Europeus aprenderam a saber que muito longe alcança quem vê muito

¹ Cf. Oswald Muris/Gert Saarmann, *Der Globus im Wandel der Zeit. Eine Geschichte der Globen*, Berlim e Beutelsbach bei Stuttgart, 1961; Alois Fausser, *Die Welt in Händen. Kurze Kulturgeschichte des Globus*, Estugarda, 1967.

longe e vai muito longe. Por pouco poderíamos dizer que durante meio milénio o mundo foi uma experiência dos Europeus curiosos. Não foi por acaso que as ciências empíricas europeias se impuseram a todos os novos senhores do globo.

De 1494 a 1945, o mundo que passou a chamar-se velho gozou dos seus poderes panópticos com todas as suas consequências: foi a região à qual, pelo curso das coisas, calhava ver mais do que ser vista e dominar mais do que padecer. Mas, se é certo que no Panóptico europeu começou por surgir a verdadeira imagem da esfera pela qual se repartem os oceanos e os continentes, também nele se formou o verdadeiro conceito de uma única espécie humana, na qual os Europeus se foram gradualmente percebendo como parte e raça privilegiada. Através do seu primado de descobridores os Europeus implicaram-se na aventura da antropologia política da época moderna. Foi aos seus olhares que pela primeira vez se apresentou a totalidade do género humano, que, posteriormente, se havia de confirmar a cada circum-navegação; ao contrário do mundo habitado pelos romanos, essa totalidade já não se deixava pensar como uma obscura conglomeração entre cidadãos do império e bárbaros; muito pelo contrário, agora, a generalidade dos humanos, para lá da contradição entre selvagens e civilizados, era entendida como unidade da espécie na multiplicidade das culturas. Foram os Europeus quem primeiro concebeu o profundo pensamento de que nas diversas civilizações se declinam aspectos e dialectos de uma e única natureza genérica: culturas e povos são poemas de uma força imaginativa que abrange toda a espécie e é, de raiz, polifónica. Não é por acaso que um dos conceitos fundamentais da crítica de arte europeia nos séculos XIX e XX era o de «literatura mundial»².

² Quanto ao contexto da expressão, cf. Horst Günther, »Weltliteratur«, bei der Lektüre des »Globe« konzipiert, in, do mesmo, *Versuche, europäisch zu denken, Deutschland und Frankreich*, Frankfurt, 1990, pp. 104-125.

Assim, cabe à Europa não apenas a responsabilidade pela miséria colonial, mas também a paternidade do, embora turvo, brilhante conceito moderno de espécie humana, conceito que se exprimiu exemplarmente na declaração dos direitos humanos. Isto é apenas uma outra maneira de dizer que, na sua fase-chave em termos de história mundial, a Europa era um «império do meio» — com consequências que numa primeira abordagem poderíamos resumir pela frase «Ai dos vencidos!» Seria errado calar que o privilégio europeu da visão do mundo, para além das benesses imperiais, também lhe trouxe deveres de senhorio. Se a Europa teve a prerrogativa de ser a primeira a contemplar, nos seus globos e mapas, a imagem do mundo, por outro lado, alguns dos maiores entre os responsáveis pela sua política mundial também pressentiram o conteúdo da fórmula «o peso do mundo». Esta expressão — *onus orbis* — era desde início mais do que uma flor de retórica para auto-exaltação da Casa de Áustria, em apoio da sua presunçosa expansão nas duas Américas e no Pacífico; nela se sedimenta o adensamento de toda a política num mundo pós-colombiano. Na sua maioria, os homens de Estado entre Filipe II e Churchill estavam cientes do que significava a imagem alegórica do século XVII que representava o imperador Carlos V como portador da Terra: sobre os ombros do imperador assentava um globo abraçado por uma grinalda com a divisa: *O quam grave onus*³.

³ De acordo com W. J. v. Wallrabes, *Neue historische Beschreibung des Lebens Karls V.*, de 1683, reproduzido em: Alexander Randa, *Das Weltreich. Wagnis und Auftrag Europa im sechzehnten und siebzehnten Jahrhundert*, Olten e Freiburg im Breisgau 1962, p. 33.

2

a mesma gente simpática a mesma falta de valor.

GEORGE B. SHAW

On Heartbreak House, 1920

Se o ano de 1945 tem um significado simultaneamente epocal e traumatizante para a memória europeia, é sobretudo porque o fim da II Guerra Mundial coincidiu com uma lição que convulsionou a política mundial e a geopolítica. É possível que tal lição estivesse em incubação desde o final do século XIX — mas o que é certo é que se impôs nesse ano fatal. Aquilo que a Europa havia de ser em si e para si surgiu simbolicamente antecipado na corrida entre os exércitos russo e aliado-americano para chegarem a Berlim na Primavera de 1945. Para a geração que viveu a libertação da Europa e o derrube dos fascismos centro-europeus, este movimento de tenaz das forças armadas soviéticas e americanas no solo alemão transcresceu numa cena de evidência hipnótica que extravasou muito para lá das fronteiras da Alemanha, país directamente afectado. A Europa foi libertada pelos Aliados — a Europa ficou presa na tenaz das novas potências mundiais de oeste e leste: nesta dupla experiência viveram os Europeus de 1945 a sua cena original, cuja